

Carolina Matos

Mulheres Jornalistas no Telejornalismo:
a cidadania das que constroem cidadania

(Volume II)

Dissertação de mestrado

Área de Concentração: Jornalismo

Núcleo: Jornalismo e Cidadania

Orientadora: Alice Mitika Koshiyama

ECA/USP

São Paulo

2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Mulheres Jornalistas no Telejornalismo:
a cidadania das que constroem cidadania

(Volume II)

Dissertação de mestrado
Área de Concentração: Jornalismo
Núcleo: Jornalismo e Cidadania
Aluna: Carolina Leite Franklin de Matos
Orientadora: Alice Mitika Koshiyama

São Paulo

2006

Banca Examinadora

Sumário

- 1) Entrevista com Maria José Sarno _____ p. 05
- 2) Entrevista com Helena de Grammont _____ p. 27
- 3) Entrevista com Mônica Teixeira _____ p. 40

1) Entrevista com Maria José Sarno

Carolina: Como você agüenta o pique da Yoga? Pratica faz tempo?

Maria José (Zezé): Pois é... As pessoas não têm idéia mesmo... Eu mesma não fazia a idéia exata quando comecei. No meu primeiro dia, fiquei quebrada! Só a respiração da Yoga me deixava tonta. O nosso corpo é capaz de coisas que a gente não imagina. Não faz porque normalmente não é solicitado... Eu falava para ela (aponta a professora): eu não vou agüentar! Ela dizia: não, vai sim, respira e vamos embora... Aí fui me acostumando mesmo. E achei uma maravilha... Ainda mais eu, que detesto academia, essas coisas. Yoga é um exercício bárbaro e as pessoas não têm idéia disso. As duas professoras que dão aula aqui têm mais ou menos a minha idade e têm um corpo bárbaro. E só fazem Yoga... Fora que, para a cabeça, não tem coisa igual. Às vezes, em casa mesmo, pego meu colchãozinho e faço uns exercícios que elas passam para a gente pra combater o estresse... O dia que não durmo bem ou que chego do trabalho muito elétrica e preciso desacelerar para dormir... Eu pego, faço umas duas três posições, dou umas respiradas e é ótimo... Pratico Yoga não faz muito tempo. Há uns seis meses mais ou menos. Eu entrei na faculdade no começo do ano aí pensei: pra agüentar o pique vou ter que voltar a fazer algum esporte. Isso, além da terapia e da acupuntura. Lá em casa a gente, desde criança, até por causa do meu pai, que sempre foi esportista, nós temos vínculo com atividade física. O Marco, meu filho, também eu sempre incentivei a fazer esporte.

C: Isso teve a influência do seu pai?

Z: Sim, com certeza... Meu pai foi jogador e depois técnico de futebol muito tempo. Chico Sarno. Na verdade, venho, por parte de pai, de uma família muito simples mesmo. Meu avô era carteiro e meu pai nasceu em Icaraí, Niterói e aos 16 anos meu pai já era jogador de futebol profissional. Foi jogar no Rio. Veio de uma família extremamente pobre, mas, como jogador, meu pai se projetou muito. Na época, não se ganhava dinheiro, mas se ganhava projeção. Então, como ele jogava bem, ele jogou durante muito tempo com nomes muito expressivos no futebol.. Jogou contra o Garrincha, jogou com o Vavá, muita gente de projeção. Aí ele veio para São Paulo, foi convidado para jogar no Santos. E depois jogou no Palmeiras. Nessa época, ele já estava mais velho, tinha uns 23 anos... risos.... Ele começou com 16 anos, mas no Campo do Rio, de Niterói. Depois é que ele foi para o Botafogo, depois no Fluminense, no Vasco e aí veio para São Paulo. Então, quando ele veio para São Paulo, já tinha uma carreira consagrada. Já devia estar com seus 25, 26 anos. Então, aí, ele conheceu minha mãe. Minha mãe era de uma família tradicional... Meu avô era engenheiro, tinha dinheiro, daqui da capital. Sabe, de tradição italiana, aquela coisa toda. E meu pai jogador de futebol... Minha mãe era uma dondoca, né... Nunca tinha feito nada, não precisava trabalhar... Naquela época, imagina, já tinha carro! Isso foi em 1957... 1956 ou 57... Eram três carros na família. Era uma família já de tradição. E foi um choque cultural tremendo, né... Meu pai jogador de futebol... Mas aí eles resolveram casar...

C: Eles se apaixonaram...

Z: Nem sei bem se eles se apaixonaram, mas, enfim, sei que meu pai era um homem muito bonito, minha mãe deve ter ficado encantada, enfim... Meu pai era muito bonito, muito bonito... Outro dia vou trazer umas fotos para você ver. Era um homem muito bonito. Minha mãe também... Era uma mulher alta, tinha 1 metro e 70, para a época era muita coisa, né... Tinha um corpo escultural. Minha mãe nunca foi bonita de rosto, assim, mas, de corpo, era uma mulher linda. Tanto

que o fato de a gente ser magra – minha irmã e eu – tem muito a ver com ela. Ela vigiava a geladeira, não deixava comer bobagem... Então, nossa alimentação sempre foi muito regrada.

C: E isso foi bom?

Z: Num certo sentido foi bom, sim, mas você carece um pouco da nutrição materna, né... Minha mãe não fazia bolo. Sabe, aquela coisa de você chegar em casa e a mãe dizer: fiz um chocolatinho, um lanchinho... Com a minha mãe, não tinha isso. Então, essa história do meu pai, isso influenciou muito a maneira da gente encarar o mundo porque, se por um lado tinha a minha mãe, que era mais até esnobe, né, meu pai era um homem muito simples e acostumado a lidar com asperezas. Quando minha irmã e eu éramos pequenas e a gente lidava muito com jogador de futebol, meu pai era padrinho de uns 50. Nós tínhamos um caderninho e todo ano – eram 50 nomes mesmo – nós comprávamos presentes para todos eles e íamos fazer uma peregrinação para entregar tudo. Entregávamos um por um. E toda vez que a gente chegava num lugar pobre meu pai dizia: se olhar para o lado... Porque você não podia reparar na casa de ninguém. Você tinha que ficar sentado como se estivesse sentado na sua casa. Ele dizia: não olhe no prato, não escolha a comida, não repare nas coisas, sabe? Ou sinta-se num palácio... Meu pai era muito cuidadoso com as pessoas. Foi uma escola pra mim.

C: Você esteve acostumada a esses valores desde sempre...

Z: Pois é... Trabalhava com tranquilidade. Eu fiz muito trabalho político em favela, quando o PT começou a se organizar nós já trabalhávamos... Eu acreditava nesse trabalho. Mesmo antes. Minha mãe sempre foi muito católica, a gente teve uma infância voltada para questão da igreja, muito católica, então havia um certo compromisso social. Que, para mim, ganhou um contorno político depois, muito

consistente. Ou, pelo menos, eu via dessa forma. Hoje, não vejo como tão consistente assim, mas, na época, para mim, era uma opção muito clara. Estávamos na época da Teologia da Libertação, das grandes discussões, do final da ditadura, 1978/79. Já nessa época, eu tinha 16, 17 anos, já militava no movimento relacionado à igreja. Não gostava do movimento estudantil... Eu achava chato. Questão de ordem, sabe? Ai, cada vez que eu ouvia aquilo numa sala de aula me dava desespero. Eu nunca gostei muito dessa coisa muito regrada. Eu nunca me dei bem no Partidão, assim, mas de longe! A burocracia... Aquilo era uma confusão. Então, na igreja, eu sentia um contato maior com quem seria beneficiado pelas ações sociais. Fui representante mesmo de um movimento que seria como uma Pastoral da Juventude. E aí eu comecei a rachar porque a gente tinha um grupo de Pastoral da Juventude – junto com o Robson Cerântula e nós brigamos muito por questões políticas... A gente trabalhava na mesma igreja. Apresentava as missas, organizava reuniões de militância... Passava sábados e domingos inteiros em reuniões, discutindo estratégias.

C: Esse trabalho pra você tinha mais um caráter social ou tinha também a relação com crença, com fé?

Z: Tinha, tinha. Para mim era uma questão de fé. Nunca foi desligado disso. Era muito consistente para mim esse aspecto. Aí eu cantava na igreja, tocava violão e comecei a trabalhar e, nessa fase, o divisor de águas para mim foi a greve de 1978/79 dos metalúrgicos. Pensei: nós temos que nos alinhar. E aí virou um racha dentro da igreja porque alguns diziam: não, isso é coisa de operário. E eu dizia: não, isso é coisa de cristão. E nós tínhamos brigas intermináveis por causa disso – e o Robson era partidário da outra parte. Eu dizia: não, isso está vinculado à religiosidade, você tem que militar... Então eu comecei a me distanciar do Movimento Jovem da igreja, propriamente dito, e a fazer mais a militância. Aí eu

arrecadava coisas para a greve, participava de piquetes, sempre com gente mais velha, né... Eu estava no meio.

C: Nessa época você já era casada com seu primeiro marido, que era ligado à igreja?

Z: Não, nessa época ele ainda não era meu marido. Estávamos do mesmo lado, mas ainda não estávamos juntos. Ele veio para São Paulo de Aracati, no Ceará, porque tinha sofrido dois atentados lá. Ele é paulista, de Santo André, de família de tradição protestante. Mas como ele adorava estudar e a família não tinha dinheiro, ele resolveu ir para o seminário. Era uma maneira de ele estudar. Ele foi ser jesuíta porque, do ponto de vista da formação cultural, eles são os mais sólidos mesmo. Viveu um bom tempo entre os jesuítas e resolveu ir para o secular porque queria também fazer trabalho político. E aí ele foi mandado para o Nordeste e trabalhou em Aracati muitos anos com o Dom Paulo Pontes, que era o bispo, militando nas questões voltadas à terra, num grupo de 5 seminaristas: 2 nordestinos, que até hoje são professores aqui. Vieram os 5 de lá para cá para São Paulo em 1980 porque tinham sofrido 2 atentados. E eu o conheci no dia em que ele chegou. Quando o vi, eu o achei muito interessante, porque era um rapaz brilhante, muito inteligente, falava muito bem, tinha formação em filosofia – para mim essa história da formação cultural era muito importante – e eu me encantei. Ele era 5 anos mais velho – eu estava com 18 anos – e nós começamos a militar mesmo. Já era a época da formação do PT, nós começamos a visitar favelas, eu filiei muita gente... Filiava a rodo porque eu não tinha formação política muito sólida, mas tinha uma facilidade muito grande de falar com as pessoas e então as pessoas confiavam em mim. Eu vivia dentro das favelas. A minha formação foi muito mais o contato direto com essa população muito pobre. Filiava todo mundo, mas, ao mesmo tempo, organizava aquela comunidade para reivindicar água para o lugar... Nessa época, ainda morava com os meus pais. No PT, fui até uma certa instância partidária, com esse povo que hoje está aí: João Felício, na Zona Norte, o

Paulo Frateschi... Eles tinham uma militância bem mais consistente, eu era bem mais jovem, mas estava lá no meio.

Depois, como meu romance com o padre lá (risos...), com o ex-seminarista, foi ficando mais complicado, a minha mãe teve um chique - minha mãe é muito católica - e contou para o bispo. Aí ele foi mandado da Zona Norte para o meio da Zona Leste... E eu fui atrás, né... Nós nos casamos. Ele queria continuar trabalhando na igreja, mas, para continuar trabalhando na igreja e ganhar algum dinheiro, ele precisava ser casado, porque a igreja não permite casamentos sem formalidades. Se eu não for errar demais a data, nós nos casamos em 19 de dezembro de 1981. Mas nós atravessamos a rua, fomos a um cartório, assinamos o papel e voltamos para casa.

C: E a sua família não compareceu?

Z: Não... As testemunhas foram do cartório.

C: E a sua mãe como reagiu?

Z: Foi uma confusão, né... Minha mãe ficou brava... Mas, na verdade, como a vida na minha família sempre foi muito complicada, a relação do meu pai com a minha mãe muito complicada, eu tinha uma autonomia desde muito cedo. Meu próprio pai - aconteceram umas coisas engraçadas... Eu namorei, aos 15 anos, um cara muito mais velho. Ele tinha 30. Meu pai queria morrer, né, só faltava ter um chique. Mas namorei. Só que o cara começou a ficar tão ciumento, tão ciumento, tão ciumento que eu falei: agora não quero mais. E ele não largava do meu pé. Aí eu falei para o meu pai: olha, já que ele não larga do meu pé e eu não quero mais ficar com ele, fala para ele que é você que não deixa. Imagina... Eu mandar meu pai fazer uma coisa dessas... Eu tinha a chave de casa desde os 14 anos. Então, acho que foi uma vida, sei lá, pouco comum até... Bem, meu marido, então começou a

participar de movimentos sociais, muito mais ligados aos movimentos da saúde, na Zona Leste. Então eram Roberto Gouveia, que hoje é deputado, Eduardo Jorge... Aí eu também comecei a trabalhar mais intimamente com a saúde.

C: E a sua irmã nunca foi para esse lado da militância?

Z: A minha irmã cantava numa igreja... Ficou mais com a vivência dentro da igreja. Mas menos atuante. Eu comecei realmente a ir mais para o lado da militância. Na época nós morávamos na Zona Norte e aí eu fazia esses trabalhos nas favelas da Zona Norte.

C: Seu pai ainda jogava bola?

Z: Meu pai já era técnico nessa época, 1978. Em 1978 meu pai passou uma temporada no Atlético do Paraná, aí ele voltou. E, na verdade, ele parou de treinar muito cedo. Ele escreveu um livro... Meu pai escreveu dois livros na vida, mas o primeiro deles chamava-se *Futebol: a dança do diabo*, que foi publicado em 1978. Acabou sendo, para ele, um grande desastre, porque, quando estava todo mundo calando a boca, meu pai resolveu abrir, né... Ele denuncia nesse livro todas as mazelas do futebol: compra de juiz, doping, corrupção. Foi um livro que causou uma polêmica enorme e que fechou portas para o meu pai. Então, a partir desse momento, ele começou a ter muita dificuldade no futebol: já era visto com desconfiança, todo mundo sabia que ele não iria entrar no esquema... E ele ficou quase sem emprego. Em 1982 foi a última vez em que ele atuou mais diretamente no futebol - ele foi para a Arábia - eu já estava casada nessa época. Ficou 6 meses na Arábia, ganhou algum dinheiro e voltou.

C: Ele foi para lá como treinador?

Z: Foi como treinador. Meu pai parou de jogar quando eu nasci, em 1970, e virou treinador. Ele tinha 34 anos – minha mãe tinha 32. Aí ele virou treinador e, depois, foi escrever livro! Na verdade, isso reforça os parâmetros que meu pai nos deu sobre a questão da responsabilidade, a questão da integridade, da honestidade... Eu vivi num ambiente em que meu pai não se calava diante das injustiças. Ele dizia: morro, mas não vergo. E isso acaba te influenciando, né... Apesar de que havia muita briga dele com minha mãe por causa disso... Minha mãe era completamente contra o livro, achava que aquilo seria ruim para o meu pai...

C: Nessa época, sua mãe trabalhava fora?

Z: Não. Minha mãe nunca trabalhou. Ela costurava, mas, mesmo assim, não costurava para fora, nada. Ela nunca teve vinculação com trabalho, nunca viveu do trabalho. Era uma mulher que mesmo não concordando com um monte de coisas da vida que tinha com o meu pai nunca se separou, porque não tinha como sustentar as duas filhas. Acabou se amarrando, né... E acabou o resto da vida casada, brigando... E eu sempre estive muito próxima do meu pai. Então a influência dele na minha vida é muito grande, porque eu vivia com ele. Eu só nunca fui a partidas de futebol com ele porque ele nunca deixou. Ele tinha medo de alguém descobrir que a gente era filha do técnico e fazer alguma coisa ruim... Fui ver um jogo de futebol em estádio pela primeira vez com meu filho adulto! Minha mãe conta que, uma vez, quando meu pai treinava a Ponte Preta, nós tivemos que sair fugidas de casa porque descobriram que a gente morava lá e estavam ameaçando apedrejar a casa... Tinha muito disso. Tanto que meu pai detesta... Meu pai tem muito medo de avião... Detesta.... E dizem as más línguas que, na época do São Paulo, meu pai não ficou treinando porque tinha muita viagem de avião e ele não queria fazer e eles resolveram contratar outro treinador porque

meu pai não subia em avião, só em último caso! (Risos). Do que eu me considero partidária, porque eu detesto avião.

C: E a sua irmã é aeromoça...

Z: E a minha irmã é aeromoça... E ele detestava jornalista, né...

C: É mesmo?

Z: É... Ele dizia que jornalista era um povo que não presta...

C: Uma aeromoça e a outra jornalista!

Z: Pois é.. para você ver... (Risos).

C: Em que momento da sua vida você teve seu filho?

Z: Em 1983, já casada com o ex-seminarista e morando na Zona Leste, eu engravidei. Continuei militando, meu filho nasceu, continuei trabalhando ainda um pouco em jornal impresso, mas tinha aquela coisa: precisava ganhar mais porque, aí, eu praticamente já sustentava meus pais... O que meu pai tinha trazido da Arábia – o que seriam hoje 40 mil dólares – e durou anos, porque era tudo o que a gente tinha e eu precisava dar um jeito. E para ganhar mais não dava para continuar trabalhando no jornal e, como eu já tinha uma certa experiência, fui buscar a televisão.

C: Na época era a mídia que pagava melhor, não era?

Z: Sim, era o que pagava melhor e eu já fazia uns “freelas” para jornal maior, como a *Folha*, por causa de toda aquela experiência comunitária... Aí botei o currículo debaixo do braço e fui às TVs. Comecei pela Bandeirantes, porque quem trabalhava na Bandeirantes era o Tônico Ferreira. Como o Tônico participou do *Movimento* muitos anos – o jornal *Movimento* – eu tinha feito alguns “freelas” para o *Movimento*. Eu ajudava uma jornalista, que também se chamava Maria José, a fazer uns artigos relacionados à militância política, etc. E ela conhecia bem o Tônico e me disse: vai falar com o Tônico, ele está na Bandeirantes, vai tentar lá. Aí eu fui. Foi muito engraçado porque estava lá naquele dia a Selma Lins, a diretora do programa lá, mas não deu nada certo, né, como eu não tinha experiência em televisão, aquelas coisas. E passou o tempo, eu continuei no jornal, achei que essa história de TV não daria certo e, nesse intervalo, o Tônico saiu da Bandeirantes e foi para a Globo. E eu nunca tinha pensado na Globo porque, imagina... Mas tinha uma amiga minha do jornal que enchia tanto o saco dizendo: você tem jeito para televisão, você tem que fazer televisão, que eu peguei e liguei para o Tônico. Aí ele não lembrava de mim, obviamente. Eu sei que ele não deu nem bola para mim, mas eu tenho uma coisa: sou muito turrona, né... E eu me lembro, até, antes disso, quando ele estava no jornal, a Globo tinha feito uma espécie de seleção para estágio. Acho que eram uns 100 mil candidatos. Era gente que não acabava mais... Formados e não formados. E foram fazendo as eliminatórias. Eu cheguei entre os 20 últimos; eles iriam escolher 5 ou 10, não me lembro. Eu fiquei fora, né... E não me conformava. O dia que eu olhava aquela lista e eu não estava – eu me lembro até hoje – eu estava na porta da Globo e eu disse: eu juro, mas eu juro que eu ainda trabalho aqui! Vou fazer o que for, mas esses caras não vão me deixar fora desse lugar... Eu não sei o que eu vou fazer, mas eu vou. E aí passaram-se uns anos e o Tônico estava lá e eu comecei a ligar para ele, ligar, ligar, ligar... Carol, acho que eu ligava pra ele quase todo dia! (Risos).

C: Você acha que ele se lembra dessa história?

Z: Não sei... Acho que não... (Risos...) Mas eu ligava tanto, tanto, tanto que um dia ele virou pra mim e disse: tá bom, vai... Hoje eu estou aqui e você passa aqui. Nossa, eu disse: tá bom, eu tô descendo aí! Eu trabalhava perto, na Cúria, era pertinho, porque a Globo era na Marechal. Aí foi muito engraçado porque ele estava escrevendo quando eu cheguei. Eu falei, Tônico, sou eu, Maria José. Aí ele disse: ah, vem aqui. Nem boa tarde, nem boa, noite, nem nada. Subiu, me levou lá na chefia de reportagem, o chefe era o Laerte Mandini, e falou: ó, Laerte, a menina é essa aqui. Virou as costas e saiu. Aí, eu estava de frente para o Laerte e pensei: agora ou vai ou racha... O máximo que podia acontecer era eu ouvir outro não. Aí, eu falei: meu nome é Maria José Sarno, trabalho na Cúria Metropolitana, trabalho com movimentos sociais, já tive militância política. Eu acho que o que acabou convencendo a ele que eu podia trabalhar foi essa história de conhecer movimentos sociais porque na Globo ninguém sabia nada disso. Como a gente tem hoje, né, a gente tem muita dificuldade de chegar aos bairros, saber o que está acontecendo... As pessoas estão desvinculadas disso. E ele foi muito perspicaz... Como ele viu que eu sabia, ele disse pra mim: faz o seguinte, você começa a sair com as equipes. No dia seguinte, ele marcou o horário, estava eu lá. Foi muito engraçado. Naquele dia, tinha uma greve de ônibus em São Paulo. E eu cheguei lá pontualmente, cheguei cedo, estava lá sentada esperando na chefia de reportagem. Aí, chega o Paulo Roberto Leandro, que seria meu segundo marido... Foi o primeiro dia em que eu pus o pé lá dentro...

C: Ele era o que lá nessa época?

Z: Ele era o editor-chefe do *SP1* e do *Hoje*. Já era editor de rede.

C: E aí?

Z: Aí ele entrou. (Breve pausa) Bom dia, bom dia... Eu, bom dia... Aí ele começou a falar da greve, que tinha uma repórter na rua que estava fazendo umas coisas que ele não concordava... Eu achei interessante... Falei: nossa, mas que homem interessante... (Risos). Fazia as colocações muito bem... Aquilo já me chamou a atenção, né...

C: Pela segunda vez, o mesmo tipo de homem?

Z: A mesma coisa, o mesmo tipo de homem. (Breve pausa). Na fala, aquela coisa formal... Aí eu fiquei olhando impressionada. E vejo ele fazer uma colocação para ela, a repórter, que tinha a ver com o sindicato. (Pausa). Aí eu, meio assim... Dei uma opinião lá. Falei, não sei, alguma coisa e ele olhou pra mim, olhou meio espantado porque quem era aquela ali que estava sentada dando palpite... Aí, o Laerte falou: ah, essa aqui é a Maria José, ela vai começar a sair com as equipes... Aí, ele: ah, muito prazer e tal. A primeira pessoa com quem eu saí acho que foi a Isabela (Assunção). E foi para fazer um trabalho que era o início daqueles núcleos de segurança dos bairros. E aí eu comecei a discutir com ela no carro: que coisa, isso funciona, não funciona, mas também não funciona por causa disso e daquilo... E eu vi ela trabalhar, né... Mas eu observada muito, quer dizer, como eu era repórter, já observava muito o pessoal de televisão, então já tinha mais ou menos uma idéia de como é que funcionava. (Pausa). Eu achava assim muito legal. Eu saí com ela, saí com o Caco (Barcellos) – o Caco eu achava o máximo, né, porque o Caco era muito calmo, assim, uma coisa impressionante. As pessoas falam tudo pro Caco. Entregam a alma pro Caco. Porque ele é de uma doçura... Eu achava aquilo o máximo. Aí saí com o (Carlos) Nascimento, umas três vezes ou quatro vezes. Da última vez que eu saí com o Nascimento, ele falou: ah, grava alguma coisa aí... Era uma greve, né... Não, era uma investigação no INSS da época; ainda era o INAMPS. Aí, tinha um câmara, chamado Nilsinho, e eu fiz um texto, de 1 minuto, né, e decorei, queria decorar o texto. Eu não sabia... Não tinha idéia que as

peessoas falavam uma parte e liam o resto. Eu queria decorar... E eu errava, decorava, errava, decorava... Mas eu errei e decorei tantas vezes! Mas, pra mim, eles apagavam, né... Eu não tinha idéia de que aquilo tudo ficava gravado; pra mim só ficava o que estava certo. (Pausa). Aí, eu estou com a fita e levo a fita pro Laerte. Quando eu vi que aquilo era a reprodução de todos os meus erros eu queria me enfiar embaixo da mesa! Meu deus...

Ele vendo junto comigo... E aí ele falou pra mim uma coisa, isso foi muito engraçado. O Laerte era uma figura, é uma figura. Ele disse: tudo bem, não decorou; mas foi até o fim, né? Isso é bom... Isso é bom. Aí, o que aconteceu foi que, na pauta, surgiu uma vaga. A Ivone (Happ) estava saindo de férias. E como eu fazia pauta, né, e ele sabia que eu fazia, ele falou que queria que eu fosse para a pauta. Então você faz pautas lá. E, pauta, eu nem sei bem o porquê, mas aí eu acho que a formação política contribuía muito mesmo porque, na pauta, qual era a minha facilidade, eu não era uma pessoa ingênua. Porque a formação política é fundamental por causa disso, você aprende a olhar uma determinada situação e ver os interesses envolvidos, as relações que se formam, né, como é que aquilo tudo se constrói. Então, as minhas pautas tinham, como se pode dizer, tinham um pouco mais de consistência, eu acho, por conta disso. Elas não eram descritivas, não eram meras idéias. Eu fazia umas pautas que podiam construir uma relação. E, naquela época, nós éramos 5 só na pauta para todos os jornais que existem hoje, porque já era o mesmo número de jornais. E eu tinha um chefe, o Marcos Fonseca, que me ensinou muito. Um jornalista maravilhoso.

O Marcos me ensinou muito na pauta. E, na pauta, eram pessoas muito experientes, não é essa meninada que se tem hoje. A pauta era Luzia Rodrigues, que já tinha vindo de jornal, com uma formação em economia e que, depois que saiu da Globo, foi montar uma revista própria; Hélio Goldstain, que hoje é o chefe de redação da TV Cultura; eu; Ruth Barros, que cobria muito política; um outro rapaz, eu não me lembro o nome dele, mas ele tinha uma das melhores agendas de jornalistas que eu já vi e o Marcos Fonseca, que era fenomenal, era um homem de

longa história no jornalismo. E o nosso chefe na época, o diretor, era o Raul Bastos, que foi do *Estado de São Paulo* muito tempo. Então, era uma pauta, uma abordagem muito consistente que você tinha que ter. E o que aconteceu: o Marcos achava que eu tinha que ser repórter. Porque ele achava que eu apurava muito bem, não sei o que, e eu não queria, né. Ele dizia: você tem que ser repórter, porque o que a televisão valoriza é o repórter, o resto não valoriza... Eu dizia: não quero... E nós ficamos um mês nessa briga. Aí, eles resolveram fazer o seguinte: a Renata de Luca era produtora do Fantástico; naquela época do chefe era o Moacir Japiassu. Um repórter, que era o Florestan Fernandes, saiu de férias. E aí chamaram a Renata, que queria ser repórter – a Renata já tinha sido repórter em outros lugares. A Renata foi chamada e eu fui para a vaga da Renata. Ia fazer 40 dias lá. Quando cheguei lá, trabalhei um dia, normal; estava o Fúlvio, na época, que era o chefe de redação, que disse que estava tudo bem. No dia seguinte, o Moacir Japiassu voltou. Aí, virou para mim e falou: ah, não quero você, não te conheço, eu quero a Renata. Aí, eu peguei minhas coisinhas, né (risos), voltei para a redação, na época o chefe de reportagem era o Celso Quinjô e falei: olha, não me querem lá, entendeu... Só que eu já tinha renovado o contrato e ele pegou e falou: você vai pra rua fazer matéria. E a Renata voltou pra redação.

Aí, fui fazer as férias do Florestan e comecei trabalhando num horário que tinha antes na Globo que era das 19h às 2 da manhã. Lembro a primeira entrevista que eu fui fazer foi com o Montoro, que, na época, era o governador. Foi a primeira noite que eu saí. Aí, eu travei, né... Segurei o microfone e não sabia o que perguntar... E não ia... E eu não conseguia falar... Eu lembro de um assessor do Montoro que falava assim: fica calma, o governador é muito paciente... (Gargalhadas). E eu tentando me acalmar, tentando me acalmar... Aí, fiz as perguntas. E acho que a diferença era esta: eu ficava nervosa, mas as perguntas eram adequadas para o momento, porque eu tinha uma militância, uma formação. Aí, fiz a entrevista, a entrevista entrou, sem problemas. Mas eu era proibida de fazer passagem...

C: Mas por quê?

Z: Porque eu não tinha contrato efetivo, né. Mas, como eu era meio turrona, comecei a fazer, entendeu. Aí, a editora do SP3 – porque, depois do *Jornal da Globo* ainda tinha um jornal – ela ficava louca: como! Você gravou passagem... Eu dizia: agora já foi... Eu ia assim, sabe, ia cavando.

C: E o seu filho? Era pequeno?

Z: Era, era... Meu filho era pequeno.

C: E você ficava no trabalho das 19h às 2 da manhã?

Z: É, e antes desse período, na transição, eu ainda fiquei assim: trabalhava na pauta e na reportagem. Durante 2 meses, ficava das 5 da manhã ao meio-dia na reportagem e entrava na pauta à uma da tarde e ficava até a meia-noite. Eu fiz isso 2 ou 3 meses, nem me lembro.

C: E o bebê?

Z: Ficava com a minha mãe... Mas eu estava investindo, né, era a hora de fazer isso... Tinha o que, 24 anos... Ou era naquela hora ou não era nunca. Aí foi. Quando se aproximou a eleição, em novembro – eu comecei a trabalhar na Globo acho que no final de maio –, eu ainda não era contratada em definitivo, ainda estava cobrindo férias na reportagem, começou toda aquela discussão na Globo sobre aparatos, o que seria colocado à disposição. Era um grande show. Aí, decidiram que eu iria ficar fazendo boletins gravados. Mas como eu ouvia falar muito de entrada ao vivo, aquela coisa começou a me preocupar, né... Quando

terminou a reunião, falei para um dos editores do JN na época, o Valdir Zwetsch, que hoje está na Record, falei: Valdir, eu não entendo nada de ao vivo, vocês não vão fazer nada disso comigo porque eu não sei. Ele disse: fica calma, pode ficar tranqüila que com você não tem nada de ao vivo, nós só vamos fazer pré-gravado. Quando chegou o dia da eleição, não sei como, porque as coisas, pra variar, são sempre assim, não tinha ninguém para estar com o Jânio. Quem foi?

C: Você.

Z: Eu. Com a absoluta certeza de que o Jânio jamais ganharia, né... Porque todo mundo tinha certeza de quem ia ganhar era o Fernando Henrique. Então, as grandes estrelas estavam com ele: o (Carlos) Dornelles estava com ele, o Tônico (Ferreira) estava com ele e eu estava com o Jânio. Daqui a pouco, o Laerte me chama e diz assim: olha, você vai ter que entrar ao vivo. Eu disse: Laerte, mas eu não sei nada disso... Ele: não se preocupa! Você só vai ter que falar o que você está vendo. Aí, começaram a me encher de parafernália. E o câmara, o Ferrugem – muito engraçado – dizia: você sabe fazer? Eu falei: não, nunca fiz nada, não sei o que tenho que fazer... Ele falou: não se preocupa. Começa a falar que eu saio de você. Tá bom, né... Aí, alguém falava no meu ouvido: tudo bem? Tudo bem? Eu dizia para o Ferrugem: olha, tem alguém falando comigo aqui... Uma coisa completamente louca. E eu fiquei tranqüila, porque, pra mim, eu não entendia bem a importância do esquema todo. Eu era tão nova... E era o Valdir falando assim pra mim: olha, quando eu disser “vai”, você começa a falar! E, quando eu disser “encerra”, você fala “Nascimento”. (Gargalhadas). Ele dizia: quer retorno? Eu dizia: o que é isso? Ele dizia: tudo bem, eu vou tirar o retorno. E ele falou: vai e eu comecei a falar, né... Tudo o que eu lembrava falei, falei, falei, acho que mais de 1 minuto. Aí ele disse: encerra! E eu: Nascimento! E ele: brilhante! Eu nem sei bem de onde você veio mas tava ótimo! (Gargalhadas). Bem, eu entrei ao vivo umas 13 vezes naquele dia. Até que chegou a hora do *Jornal Nacional* e eu não era contratada

da casa. Aí, quando a Alice Maria viu que era eu, que ela não sabia nem quem era, bom, mandaram o (Ernesto) Paglia de moto (risos) de lá do local de apuração que era longe pra caramba, em Guaianases, até o local onde eu estava... Ele chegou todo descabelado – na época ele ainda tinha cabelo – (risos) aí ele parou ali, disse: não, não, você foi superbem, foi ótimo, muito bom... Aí, eu passei mais ou menos pra ele o que tinha acontecido – eu enfrentei briga, enfrentei tudo lá na porta do Jânio. Ele ficou com a escuta e aí eu vi o que eles faziam – até então, eu nunca tinha acompanhado uma entrada ao vivo. Eles escreviam tudo num papel, decoravam um pedaço e o resto era lido, né... (Risos) Aí que eu me toquei! Eu tinha passado o dia feito uma louca, falando tudo, sem escrever uma linha. Mas isso foi uma escola pra mim. Depois, realmente, eu nunca escrevi em ao vivo – tentei fazer isso, mas, como eu estava sempre no meio da pobreza, pra variar, uma vez que eu fui escrever, começou a chover e a tinta foi... e meu texto junto, né... Então, eu fazia muito ao vivo, muito mesmo, mas nunca escrevi. Organizava o pensamento, e tal, mas não escrevia e isso me ajudou muito. Sem escrever, eu ficava mais livre, inclusive, para observar em volta. O que acontece é que, às vezes, você está tão presa ao texto que acontecem as coisas à sua volta e você não vê. Então, pra mim era muito natural fazer ao vivo, eu preferia fazer ao vivo a fazer gravado. E aí, depois disso tudo, eu fui contratada. Também, eu era tão louca... Mais tarde, o Paulo Roberto, que veio a ser meu marido, ria muito conversando com o Valdir. Na época ele dizia: eu não sei de onde essa moça saiu, mas ela é completamente louca! Então foi assim... Aí, fiquei 10 anos na Globo.

C: Esses foram os primeiros 10 anos, que foram consecutivos?

Z: Sim, fui contratada em 15 de novembro de 1985. Meu filho tinha 1 ano e meio.

C: E seu filho continuou ficando com a sua mãe...

Z: Sim... Ela me ajudou muito nesse período em que, como eu falei, eu precisava investir na carreira, né... Aí, eu Fiquei na Globo e, de jornais, eu fiz todos, inclusive os de rede. Mas minha vinculação sempre foi muito mais com movimentos populares e com a área da saúde, né... Então, na verdade, eu era uma pessoa relativamente conhecida por lidar com os temas que mobilizavam as pessoas, que eram saúde, educação, o problema dos bairros...

C: Você acha que a sua imagem ficou relacionada a esses temas?

Z: Acho que sim... Fiz muito *Jornal Nacional*, *Jornal da Globo*, mas, até nesses jornais de rede, eu quase sempre acabava fazendo as pautas sobre esses assuntos. E, outra coisa, dentro da empresa eu estava sempre metida nas mudanças. Sempre que ia começar um jornal novo, coisa desse tipo, eu ia para o jornal novo para experimentar. Então, eu participei de todas as mudanças de jornal, todas. Desde o *Bom Dia Brasil*, até quando o jornal local passou de *SPTV* para *São Paulo Já*; a primeira entrada ao vivo de repórter num jornal que chamou uma matéria gravada eu que fiz... O que, para variar, aconteceu no meio de uma inundação terrível na região do córrego Pirajussara. Eu tinha feito uma matéria sobre isso e era uma desolação horrorosa... Então, durante o jornal, eu entrava ao vivo de lá e chamava o VT que eu tinha feito... Como eu fazia ao vivo bem – eu acho, pelo menos – as pessoas me chamavam para essas experiências.

C: Você trabalhou fora de São Paulo também, não é?

Z: Pela Globo, não. Quando eu saí da Globo, eu entrei num projeto do SBT que não durou nem 20 dias – eles, no final, queriam que a gente ficasse em casa, sem trabalhar, recebendo o salário e eu me recusei, pedi as contas... Foi uma negociação difícil e eu acabei ficando, trabalhando, no *TJ Brasil*. Dos vários

jornalistas que estavam lá na época só eu fiquei. Na vaga em que a Renata ia ficar... A Renata estava cobrindo férias no *TJ*, ia ser contratada e eu fui para o lugar dela.

C: Mais uma vez vocês se esbarraram na mesma situação!

Z: Pra você ver... (Pensativa). Ela tinha saído da Globo bem antes de mim. Eu saí da Globo em 95 e a Renata saiu em 91. Ela estava para ser contratada no SBT e eu, de novo, fiquei na vaga. A gente tropeça mesmo... (Sorriso). E, lá, fiquei um ano e saí. Aí, o Paulo Henrique (Amorim) estava indo para a Bandeirantes, meu marido na época (já Paulo Roberto Leandro) estava indo para o Rio Grande do Sul e eu fui pra lá, pela Bandeirantes, chefiar um escritorzinho da Bandeirantes no Rio Grande do Sul, para cobrir Mercosul.

C: E seu marido foi junto?

Z: Foi junto, trabalhar, na época, como consultor do governo do estado. Foram meu marido e meu filho. Ficamos quase dois anos. Aí voltei para São Paulo e fui para a Rede TV, que estava sendo montada. Isso foi mais ou menos em 98.

C: E você voltou para a Globo no ano 2000?

Z: Foi, foi em janeiro de 2000.

C: Você saiu direto da Rede TV de volta para a Globo? Você tinha vontade de voltar a trabalhar lá por alguma razão e por isso mudou novamente de trabalho?

Z: Não... Entre a Rede TV e a Globo aconteceram muitas coisas (risos...). Inclusive, meu terceiro marido! Na verdade, fiquei pouco tempo na Rede TV

porque não estava dando certo, questão de salário, essas coisas. Nessa época, já estava separada do meu segundo marido. Aí, fui trabalhar, para sobreviver mesmo, porque o nosso mercado estava já muito complicado, numa campanha eleitoral em Santos. Eu apresentava as matérias institucionais do candidato.

C: Você tinha algum vínculo político-partidário com ele?

Z: Não, nenhum. Fiz porque precisava sobreviver mesmo. E foi lá, durante esse trabalho, que conheci o Jorge, meu marido hoje, que, por sinal, é artista plástico e estava lá também apenas para ganhar algum dinheiro. E – maior coincidência – ele é da mesma cidade em que eu morei por 2 anos no Rio Grande do Sul. Ele trabalhava num café que eu freqüentava, todos os amigos dele me conhecem dessa época e nós dois nunca tínhamos nos encontrado antes...

C: E como foi? Amor à primeira vista (risos...)?

Z: (Risos...) Olha, foi muito estranho... Pra começar, o Jorge não é o meu tipo de homem – aquele com bagagem intelectual, que se expressa bem, essas coisas. Ele não é nada disso. É supercalado, muito emotivo e sensível. Não é à toa que a profissão dele vai ao encontro dessas características... E, fisicamente, ele é louro e eu sempre preferi os morenos. Mas nós começamos a nos tornar mais próximos durante o trabalho na campanha e eu comecei a ficar apavorada, porque não previa a menor possibilidade de ter outro relacionamento amoroso naquela fase da minha vida... Eu estava acabando de me separar, estava mal e certa de que queria ficar sozinha por um tempo. Mas, aí, ele começou a se aproximar e eu achando muito estranha a forma como aquele homem mexia comigo – chegava a incomodar mesmo. Até que um dia, no carro da equipe, quando voltávamos para o hotel mortos de um dia inteiro de trabalho, eu estava com muito sono e encostei a cabeça na minha bolsa e apoiei a bolsa no encosto do banco de trás – onde

estávamos o Jorge e eu – pra descansar um pouco. Aí, o Jorge falou: pode encostar no meu ombro se quiser. Eu fiquei meio sem reação e encostei a cabeça no ombro dele. Carol, na hora em que eu deitei no colo dele tive uma sensação muito peculiar, que eu nunca me esqueço. Parecia que eu estava reencontrando os meus, sabe? Que eu estava voltando pra casa... E eu nada sabia sobre ele, nem quem ele era, nem de onde ele tinha vindo, nada, nada...

C: Que lindo! (Risos meus e da Zezé também) E vocês começaram a namorar naquele dia?

Z: Nãããã... Imagina! Quando eu comecei a sentir essas coisas, levantei a cabeça imediatamente e fiquei quieta no meu canto! Começamos a namorar algum tempo depois – não muito – a partir de um beijo que ele me deu no elevador do hotel (risos)!

C: E hoje vocês são casados...

Z: Sim, hoje sou casada com Jorge, moro com ele, meu pai, meu filho, Marco, a Lua (cadela fox paulistinha)... Risos... Não sei como, mas ela é capaz de abrir todas as portas do apartamento num piscar de olhos... Minha mãe não mora com a gente; ela está com 80 anos. Meu pai está com 81 anos. Ele veio morar comigo depois que ficou internado por causa de um derrame em 1997. Antes disso, ele tinha pequenos problemas de memória, mas nada que a gente considerasse grave. Mas, depois, o caso ficou mais sério. E minha mãe ficou sem saber como lidar com isso... Trouxe meu pai para casa muito com muita vontade de cuidar dele. Mas todos pensávamos que ele não iria resistir muito, porque ele estava muito fraco... Olhando para ele, hoje, não dá para fazer idéia do que ele passou. Ele está bem agora, graças a Deus... Não é fácil dar conta de tudo, ele precisa de

cuidados, de alguém com ele o tempo todo. Hoje, estou com uma pessoa ótima com ele, que também se chama Maria José.

C: Também Maria José?

Z: Olha a coincidência! E meu pai se dá superbem com ela. Encontrei a Maria José num momento bem complicado. A outra moça que trabalhava comigo antes, cuidando do meu pai, me disse um dia que ia embora. Eu entendi perfeitamente, eram os ventos da mudança soprando mais uma vez... Ela tem um filho pequeno, que morava aqui com a gente, e queria tocar a vida. Mas eu me vi, de repente, precisando encontrar alguém imediatamente. E não podia ser qualquer um para cuidar de uma pessoa de idade, com dificuldade para se comunicar e se locomover... Aí me veio uma luz, do nada! Fui direto para um convento de que eu tinha ouvido falar. Bati lá, falei com a irmã supervisora, expliquei o caso e perguntei se ela não saberia indicar alguém para o trabalho... Eu pensei que ela ia pegar meus dados e me ligar depois se soubesse de alguma coisa, sei lá. Mas que nada. Na mesma hora ela mandou chamar três mulheres que ela achava que tinham o perfil para o trabalho. Eu não acreditei! Logo de cara eu simpatizei com a Maria José. E, em casa, meu pai também gostou dela de cara, o que é o mais importante... Incrível como o universo nos mostra que é nosso maior aliado.

2) Entrevista com Helena de Grammont

Carolina: Você veio de uma família de pessoas ligadas ao jornalismo, à televisão. Isso teve influência na sua escolha profissional?

Helena: Eu tenho um pai, para você ter uma idéia, uma das coisas que eu nunca esqueci, nunca, era meu pai abrindo o dicionário, em qualquer página, e ele queria que a gente tentasse descobrir qual era o significado daquela palavra. Então, toda noite, podia acontecer o que fosse, papai reunia nós todos, que não somos poucos - somos 10 irmãos - e a gente adorava esse momento com meu pai, que era um momento de aprender alguma coisa, né, de aprofundar um pouco. Porque, quando a gente é adolescente, jovem, você quer ficar perto das coisas mais fáceis. E meu pai ensinou que a gente tem que buscar coisas... Procurar e achar essas coisas. A busca é importante... Então nunca faltou dicionário: no meu quarto, nos outros... Quer dizer: não eram muitos quartos. Éramos 10 irmãos e havia 4 quartos. Mas em todos tinha dicionário. A gente tinha essa ligação com o correto, com o que é errado e o que é certo... Com a ética. A gente tinha um compromisso com a ética. E não falar português errado! Teve uma vez na TV Globo muito engraçada... Você lembra da Diléia Frate? Ela era editora e eu fui fazer uma reportagem de uma indiazinha que estava desaparecida. E meu encerramento era o seguinte: "se você vir a indiazinha, telefone para esse lugar". E a Diléia: "Vir? Como?". E eu, "vir, do verbo ver". E aí ela não acreditou. Precisou do Woile Guimarães, que era um jornalista de muita categoria, dizer, não, a Helena de Grammont está certa, é "vir". Então, a gente foi aprendendo enquanto trabalhava, porque até os nossos chefes não sabiam como era... Eu, graças a deus, tive esse esteio para poder, inclusive, conseguir discutir.

C: E esses encontros com seu pai e o dicionário também serviam para reunir os irmãos?

H: Ah... Pra juntar os irmãos seguramente! Era aquela mesona, redonda, e a gente lá. Os meus irmãos... Eu perdi 4 irmãos. Eu perdi um irmão... Luciano, lindo... De uma miocardiopatia de causa indeterminada. Naquela época, não existia transplante....

C: Ele tinha que idade?

H: Vinte anos, muito jovem... Depois, eu perdi a minha irmã Eliane, assassinada pelo Lindomar Castilho...

C: Ela tinha que idade?

H: A Eliane tinha 21 anos. Era casada com ele. Depois eu perdi meu irmão Walfrido...

C: Mesmo nome do seu pai?

H: Mesmo nome do meu pai, que era um jornalista de Belo Horizonte... Ele era diretor de jornalismo da Rede Globo em BH. E o Júlio de Grammont, que foi o assessor do Lula. O Julinho foi homem que lançou o Lula. O Julinho trabalhava na Bandeirantes e fazia entrevistas sobre São Bernardo, greve, quando começou aquela movimentação de greve, o Julinho era jornalista e foi entrevistar o Lula quando foi criado o sindicato dos metalúrgicos em São Bernardo do Campo. Aí, O Julinho fez uma entrevista, a segunda, a terceira, quando foi na quarta entrevista o Lula perguntou: Julinho, você não quer trabalhar como meu assessor? Aí, o Julinho era tão idealista que disse assim: eu

vou. Ele largou o jornalismo em função de se dedicar a melhorar o país, melhorar o mundo. Meu irmão Júlio de Grammont tinha 17 anos quando foi preso político, ficou no DOI CODI, depois foi para o Presídio Tiradentes, e foi lá no presídio que ele descobriu a estrela do PT. Tinha lá os chamados naquela época de comunistas, que na verdade eram os idealistas, que deram para ele uma estrela. E quando surgiu o sindicato, meu irmão botou na estrela o nome PT, dentro da estrela. Aí foi criado o PT.

C: E como ele faleceu?

H: De carro. O Luciano faleceu de miocardiopatia, o Walfrido de miocardiopatia, Eliane tinha miocardiopatia... E o Julinho de desastre. Nós fizemos depois exames em toda a família e não deu miocardiopatia em ninguém. Imagina o meu terror em ter filhos, por ter tido irmãos com esse tipo de doença. Não tinha transplante, então, não tinha o que fazer.

C: Então ficaram 6 irmãos que, imagino, sejam muito unidos...

H: Muito unidos... Eu tenho uma irmã que mora em Ubatuba, faz assessoria, Juarez é jornalista, eu tenho de filhos Ana Júlia, Juliana e Alexandre.

C: Algum jornalista?

H: Todos! Só a Juliana que, agora, está fazendo Direito. Alguém tem que defender essa família aqui! Risos...

C: Na época em que a sua irmã faleceu você chegou a se afastar um período da TV...

H: Foi, me afastei. Porque eu fui testemunha no processo, então...

C: Como aconteceu?

H: A Eliane... O Lindomar Castilho era, antes de mais nada, um alcoólatra. Então, quando ele ia gravar, ele não bebia. Ficava numa abstinência e numa cavalice... Ele se apaixonou pela Eliane porque a Eliane era uma cantora. Inclusive, cantora de músicas da minha mãe. Minha mãe era compositora e, inclusive, gravou música com o Lindomar Castilho... Eles se conheceram na RCA. Um dia, a Eliane foi com a minha mãe na RCA e conheceu o Lindomar Castilho. E eu nunca vou me esquecer: ela chegou em casa e disse: encontrei o amor da minha vida... Mal sabia ela que ela não tinha encontrado amor da vida dela; ela tinha encontrado o homem que ia matá-la.... Não é chocante? E a Liliane, filha do Lindomar, que tem hoje 24 anos, filha da Eliane, ela fala: meu pai é intragável. Eu vou uma vez por mês visitá-lo porque, de alguma forma, ela se sente obrigada, emocionalmente, a dar uma assistência. Ele está superdoente e eu estou pouco me importando.

Eu sei que aquele foi um período muito difícil, muito...

Quando a minha irmã foi enterrada, a única coisa que eu consegui dizer à minha mãe foi: mãe, não chora. Lembre-se que o Lindomar ia fazer qualquer coisa ruim com ela. A Eliane tinha miocardiopatia. Imagina se a Eliane morre e o Lindomar leva a Liliane... E a Liliane ia ser criada por um monstro. Então, disse à minha mãe, você vai ficar com a guarda da Liliane, porque o Lindomar matou a Eliane, não tem direito a ficar com a filha. Aí, a minha mãe parou de chorar na hora. E ela ficou com a Liliane até a Liliane ter 13 anos. Aí, a minha mãe ficou doente... teve um linfoma e ela passou para a minha irmã mais velha, a Carminha, a guarda da Liliane. E, hoje, a Liliane chama a minha irmã mais velha de mãe. Quando ela fala no pai, ela diz: meu pai, coitado, eu tenho dó dele. Ela tem dó.

C: Vocês não esconderam nada dela...

H: Nada. Dissemos tudo, desde sempre, mas sem nunca atacar o pai dela. A vontade era falar assim: você tem um pai monstro. Mas a gente dizia: seu pai não estava normal... Ele tinha problemas... Problema com álcool... Um grande cantor... Mas ele não é capaz de dividir... Ele tem medo de você... Medo de ter uma filha mais forte que ele.

C: Qual era a situação entre os dois antes do que aconteceu à Eliane?

H: Isso foi uma coisa muito maluca, porque a Eliane era apaixonada pelo Lindomar Castilho. Era o homem da vida dela. Quando ela entrou em casa dizendo que ele era o homem da vida dela eu pensei: meu deus, a minha irmã está louca. O que ela viu nesse cantor brega? Minha mãe, uma compositora de dissonante, a Eliane também cantava muito bem... Mas a gente tem esse respeito... Ela foi lá e casou. Mas, para casar, primeiro ele quis que ela engravidasse. Ele queria um filho, não queria ela... Só quando ela ficou grávida de 6 meses, muito grávida, aí ele foi lá e casou com ela no cartório. Eu lembro que meu marido, naquela época, estava até em outro país, e eu tava lá no casamento da Eliane. Mas a gente sempre tinha que se intrometer... Por exemplo: o Juarez adorava a Eliane, adorava. Aí, ela ligava pra gente: ah... vem aqui em casa... o Lindomar tá tão chato... A gente ia.

C: Vocês moravam em São Paulo...

H: Isso... A Eliane morava ali nos Jardins... Um lugar muito agradável, muito bonito, apartamento muito bonito. Mas ela era muito, muito infeliz. Porque, na cabeça dele, a mulher tinha só que cuidar da casa. Mas só que se a Eliane pegasse um quadro e pendurasse ele chegava e dizia assim: tá horrível. Então, muitas vezes, ela me chamava lá na casa dela para pendurar os quadros. Porque,

aí, ele não esculhambava. Ela sempre precisava de um respaldo da família. Era como se ele a amasse e odiasse ao mesmo tempo. Eu tenho a impressão... Eu nunca disse pra ninguém, mas vou dizer pra você: o Lindomar tinha um problema sexual extremamente grave. Não tava bom pra nada. Sabe quando a pessoa não se encontra? Aí, foi indo... Então, houve um julgamento, ele foi condenado a 12 anos de prisão, pena máxima na época. Eu procurei o José Carlos Dias, que na época era o bambambam... Ele conseguiu outro caso que deu mais dinheiro pra ele... E eu pensei no Márcio Thomaz Bastos, que era um homem da Cúria... Ele não era advogado famoso. Aí nós contratamos o Márcio e o Márcio virou o criminalista do ano. A condenação poderia ser cumprida em Goiânia e o Lindomar foi transferido pra lá. Compôs música na cadeia, gravou... E a gente teve uma postura com a Liliane de nunca falar mal do pai dela. Até que um dia ela quis conhecer o pai; eu dei a passagem. Ele ainda estava na cadeia e ela tinha 16 anos. Colocamos a Liliane num avião e ela foi conhecer o pai. Estava cheio de quadro dela na parede de onde ele ficava; da mãe, não tinha nenhum. Eu sei que, quando ela voltou, disse: nossa, meu pai é um homem horrível, é um coitado, que decepção. Hoje, ela liga, conversa, mas, naquela época, ela descobriu que o pai não é uma pessoa normal. Pra você ter uma idéia, o grande amigo dele é um homem que matou 4 mulheres e enterrou no quintal da casa dele. Foram descobertos os 4 cadáveres. Ele era dono do Restaurante Goiano, em São Paulo, perto da Praça 14 Bis. Então...

Falar disso, pra mim, tem 2 aspectos.

Por um lado, eu sei que minha irmã poderia morrer a qualquer momento, por causa da miocardiopatia. Por outro lado, o Lindomar não podia ficar impune, pelo modo como a Liliane foi tratada. Ele não merece ter uma companheira, porque ele não sabe lidar com as mulheres. Eu estou contando isso pra você para te dar uma idéia de todo o contexto... Porque as pessoas não têm noção disso....

Já que a gente está falando de jornalismo, de ética... Eu sou ética. Eu não inventaria e não aumentaria nem um tostão. Não existe faz-de-conta no jornalismo.

Quando alguém vem com essa história "vamos fazer de conta" eu falo, bom, então, vamos anunciar na matéria que estamos fazendo isso para ver o que vai acontecer. Mas faz-de-conta entre 4 paredes não existe, porque alguma coisa a gente está escondendo.

C: Você leva para o seu dia-a-dia no trabalho essa postura com a sua vida...

H: Isso... No meu dia-a-dia, com os meus filhos, com as pessoas que trabalham comigo, com as pessoas que eu encontro na rua...

Ontem, eu recebi um elogio tão gostoso... Eu fui ao supermercado - porque eu vou ao supermercado, faço compras para a minha casa, lista das compras, compro calcinha para as minhas filhas, porque eu gosto de presentear... Eu sou dona-de-casa também. Não sou dona-de-casa e jornalista; sou jornalista e dona-de-casa. Eu sei que a coisa mais forte que eu tenho é o respeito ao jornalismo; ele não é brincadeira. No jornalismo, você mexe com as pessoas, com a vida das pessoas, com a emoção das pessoas... E você pode mudar o mundo.

C: Você sempre teve essa visão do jornalismo, desde o começo até agora?

H: Sempre, desde o começo. Na verdade, eu sempre levei isso dessa maneira porque minha família era ética. Eu nasci num berço de jornalistas.

C: Mas e quanto ao elogio de ontem?

H: Ah, sim. Eu estava no supermercado, a moça desceu do carro e disse: "você não sabe o quanto eu te admiro! E você é linda pessoalmente! Você tem uma voz maravilhosa... Sempre que você abre a boca a gente sabe: essa é a Helena de Grammont." Quer dizer: nas minhas matérias eu não mostro a cara; não gravo passagem. E as pessoas marcam, só de me ouvir falar. Meu marido às vezes fala:

por que você não grava passagem? Eu falo: já passei do tempo de fazer passagem... Já fiz muita reportagem nessa estrutura: abertura, texto, passagem, encerramento... Muitas vezes, tudo isso na rua. O motoqueiro vinha da redação buscar. Quando eu chegara à redação, muitas vezes, a matéria já estava no ar.

C: E o que mudou?

H: O jornalismo do dia-a-dia, do *Jornal Nacional*, *SPTV*, parece que a gente não acredita muito naquilo... Não tem profundidade. É muito rápido, não tem substância. Aí, percebi que eu podia fazer um jornalismo sentada ao lado de uma pessoa fazendo só entrevista com ela. Ela é que tem que aparecer; eu não tenho que aparecer. Eu já tenho uma voz marcante, tenho um nome marcante, por que eu vou roubar o espaço do meu entrevistado?

C: Qual é o seu papel quando você está entrevistando alguém? Ajudar a pessoa a se expressar da melhor forma?

H: O meu papel... Vou te dar um exemplo. Eu fiz um povo-fala na rua outro dia sobre mentira, pegando o gancho da mentira no Congresso, etc. E as pessoas falam mesmo. E dizem: e não me corte! Eu deixo pra elas falarem... Eu só cutuco.

C: Parece que você dá o maior valor para esse tipo de entrevista, povo-fala...

H: Eu acho o povo-fala tudo! São os anônimos falando... Muito jornalista acha povo-fala uma bobagem porque não sabe abordar.

C: Você foi por esse caminho desde o início da carreira?

H: Eu já fiz matéria em que eu levei revólver na cara, já fui trancada dentro de um açougue, com um cara querendo matar a gente, enfim... Meu maior elogio como jornalista eu recebi do Arthur da Távola. Ele escreveu: Helena de Grammont, ela tem nome de heroína de folhetim. E tenho muitos telegramas de elogios assim, todos guardados, porque eu mostro para os meus filhos.

C: Por que mostra pra eles?

H: É uma maneira de passar para eles o que eu recebi... Eu fui a maior repórter de defesa do consumidor.

C: Você se orgulha disso?

H: Claro! Isso tem a minha cara, porque eu sou justiceira. Eu já cresci justiceira... Eu acho que fazer esse tipo de reportagem é dever do jornalismo. No *Fantástico*, por exemplo, todos os domingos é preciso ter alguma coisa que defenda as pessoas, que defenda o entrevistado, que defenda a mulher, que defenda o homem, é dever. Nós estamos aqui para somar. Eu não faço jornalismo para mim.

C: Isso é raro?

H: Eu acho que está ficando raro... Eu tive chefe que disse assim: ah, mas você é muito exagerada! Mas, pra mim, não tem faz-de-conta. E eu falo mesmo. No julgamento do Lindomar Castilho eu me afastei da Globo, fui trabalhar na Abril Vídeo, na Paulista. E o Mercadante, o mesmo que tinha me contratado na Globo, estava lá. Certa vez, fiz uma série chamada "De Frente pra Vida", só com a terceira idade. São 40 fitas falando sobre a mulher e tudo mais. Fiquei na Abril Vídeo até o fim do julgamento. Acabou o julgamento, também mudaram umas coisas lá, o Mercadante saiu e eu disse... Não tá mais pra mim. Bom, fiquei um ano lá na Abril.

Nessa época, o julgamento do Lindomar ainda estava em andamento. Uma das coisas que me irritaram nesse episódio envolveu a Isabela Assunção, que já era da Globo. Quando ela foi entrevistar o advogado do Lindomar, um bambambam, a Isabela, quando eu saí do interrogatório, ela falou perto de mim sobre o advogado: esse homem é brilhante!. Eu fiquei, olha... Me pareceu que ela fez de propósito.

Então, ficou um clima ruim entre a gente. A Isabela é uma grande repórter, não há dúvidas. Ninguém faz *Globo Repórter* como a Isabela. Além de tudo, ela fotografa muito bem, tem muita segurança. Eu fiz dois programas para o *Globo Repórter*. Um deles, só fiz porque foi sobre irmãos. Mas não é o meu estilo... O *Globo Repórter* é uma coisa muito longa... Pra mim, é um programa de entretenimento e eu gosto de jornalismo. Coma a Isabela combina muito bem; para mim, não funcionou.

C: Quando você começou eram poucas as mulheres no jornalismo...

H: Eram sim... Muitas delas estão voltando para o vídeo, como a Sandra Passarinho e outras... Somos de uma geração que sabe trabalhar, mas nem sempre agrada a chefia, porque, hoje, parece que muitos chefes não gostam de polemizar, preferem que a gente deixe o trabalho correr fácil, preferem o mais ou menos. Mas, pra mim, não tem trabalho mais ou menos. Recentemente, eu já cheguei a pedir demissão por causa disso. Mas a chefia do Rio não aceitou. Eu não cheguei a dizer que não estava me sentindo valorizada no Fantástico, mas eu não estava valorizada. O estresse era tanto que eu cheguei a ter um derrame no olho. E, no fim, pedi demissão, mas o chefe do Rio, o Luizinho, não aceitou. Ele andou abraçado comigo pela redação inteira e tal... Ele chegou na Léa disse: Léa, quando a Helena pedir alguma coisa eu quero que ela seja atendida imediatamente. Aí, voltei pra São Paulo, focada no meu trabalho. A gente tem que olhar só para uma direção: a direção da verdade, da correção. Eu não quero que chefe goste de mim; ele pode admirar, eu aceito; eu quero que chefe me respeite. Não almoço com

chefe, não janto com chefe, não vou nem na lanchonete da TV com chefe. Se eu chegar lá e ele estiver, tudo bem, como junto e tal, mas é só.

C: E quanto à beleza física, estética? Você tem alguma preocupação nesse sentido?

H: Menina, muitas vezes, conforme a matéria, eu vou fazer reportagem de calça jeans, camisa e ninguém lembra com que roupa eu estava, ninguém repara...

C: Na sua opinião, as repórteres mulheres têm uma grande cobrança em relação à estética, à beleza?

H: (Pausa...) Olha, na Globo eu não consigo ver isso... Minha filha mais nova é jornalista e trabalha na área; ela tem 25 anos. Ela anda arrumada, tudo, mas não dá importância... Mas também ela não faz vídeo.

C: Ao longo da sua carreira esse aspecto foi cobrado por parte da chefia?

H: Nããão! Nada disso... Aí é que está. Eu tenho uma personalidade muito forte. Se alguém vier me cobrar em relação a roupa eu vou dizer: chama o figurino. Eu falava que não ia comprar roupa... Até comprava, mas tinha que dar essa posição. E tem outra coisa: não adianta me colocar muito blazer não porque eu ponho o pé na lama. Eu não posso ir chique entrevistar gente na favela; eu não vou humilhar as pessoas. E quando eu chego num lugar desses, você precisa ver. Eu tenho que entrar na casa, comer, quase janto na casa da pessoa... É uma relação muito próxima. É claro que a gente tem que estar com o cabelo penteado, uma blusa com uma cor boa, uso sempre calça comprida que não marque o corpo, roupa discreta, para não desviar a atenção do espectador, mas isso tudo é preocupação minha, nunca ninguém me mandou fazer isso. A gente não sabe onde

a gente vai estar... Se eu for entrevistar o Antônio Ermírio de Moraes, em vez da bota eu ponho um sapato; em vez de jeans eu ponho uma calça preta e pronto. Mas é só isso.

C: Você acha que a preocupação com a estética é importante?

H: Olha, eu acho que o repórter não pode desviar a atenção do espectador, atravessar a notícia, nem por um lado nem por outro; nem por exhibir demais nem por ficar mulambento. Acho que calças marrom, preta e bege são ótimas; sapato sempre fechado e camisa bonita, mas sem rococó. Porque, muitas vezes, você vai pra rua entrevistar gente simples... Por exemplo, no Jardim Peri-Peri, em São Paulo... Eu vou de blazer no Jardim Peri-Peri? Eu largo o blazer dentro do carro, não vou descer de blazer... A primeira coisa que você tem que fazer quando vai falar com um entrevistado é pensar: eu nunca te vi, você nunca me viu. Então, é preciso criar um clima amigável, favorável à conversa, para que ele se abra. Eu baixo a guarda... Muitas vezes, eu nem interrompo uma entrevista com palavras para fazer a conversa seguir... Com um gesto, você pode fazer com que a pessoa se sinta à vontade para falar mais. Eu faço o entrevistado crescer, sem interromper, só com um olhar. Eu quero saber o que ele vai contar para o mundo... Que ele denuncie ao mundo o que ele pensa.

C: E você acha que, com o passar dos anos na profissão de repórter de tv, é comum as mulheres acharem que têm que sair do vídeo para fazer edição ou produção, seja por preocupação com a beleza ou com outros aspectos da vida, como filhos, família?

H: Existe isso... Mas tem gente que descobriu a edição, a produção depois de muitos anos e hoje está muito feliz. É o caso da Renata de Luca, por exemplo, que foi repórter e, hoje, está feliz da vida na edição...

C: E como você concilia a agitação da sua vida profissional com o dia-a-dia da família - marido, filhos, netos?

H: No começo, não foi nada disso que você está vendo... No passado, era uma guerra. A ex-mulher do Juarez não me aceitava, as filhas também não... E eu entendo, né? Foi muito complicado... Eu também perdia a paciência... Só depois de alguns anos é que as coisas entraram nos eixos. Só com a maturidade, não adianta... Eu gosto de preservar as pessoas. No fundo, eu briguei para que essa família não se desfizesse. Ao contrário: eu briguei para que ela crescesse e foi o que aconteceu. Hoje, até a Cida, ex-mulher do Juarez, é minha amiga.

C: E a demanda de trabalho da TV nunca te atrapalhou? Você chegou a achar, em algum momento, que tinha que optar, ou pela TV ou pela vida pessoal e a família?

H: Não. Nunca passou pela minha cabeça largar o meu trabalho. Eu eduquei os meus filhos dizendo que o meu trabalho era importante pra minha cabeça, para o meu humor e para o dinheiro, que fazia falta para eles. E sempre houve uma compreensão... A Ana Júlia, a mais nova, às vezes chorava de saudade, disso, daquilo... Mas hoje está tudo superado... Tenho dois quadros que eu ganhei agora no dia das mães das minhas duas filhas que eu vou pendurar em algum lugar aqui, ainda preciso escolher onde. São duas cartas que elas escreveram e eu emoldurei... É um negócio muito lindo. Tanto a carta da Ana Júlia quanto a carta da Juliana, escritas pra mim. Quer ver?

3) Entrevista com Mônica Teixeira

Carolina: Você começou no jornalismo muito jovem, com vontade de fazer uma militância mais profissional, quando já tinha cursado 3 anos da faculdade de Física. Na época da nossa entrevista anterior (1997), você tinha comentado que a faculdade de jornalismo poderia dar uma noção de mundo melhor para o estudante, que não encontrava isso no 1º e 2º graus, mas que, no seu caso, a faculdade não teve uma preponderância na sua formação. Passados quase 10 anos, essa sua visão continua ou se houve alguma transformação?

Mônica: (Pausa...) Bom, o que eu acho que está acontecendo agora é que pessoas da academia, não jornalistas, pelo fato de serem da academia, estão ensinando jornalismo científico para jornalistas. É o que está acontecendo, nessa área, que é a minha principal área de interesse hoje – e não puramente jornalismo científico, mas é a cobertura de assuntos ligados à universidade pelo viés da inovação tecnológica: o que a geração de conhecimento dentro da academia tem a ver com o desenvolvimento econômico, crescimento econômico, com as inovações feitas pelas empresas, que geram emprego, lucro, etc. Então, nesse mundo, tem uma coisa muito ruim acontecendo. Em relação às faculdades de jornalismo, eu continuo achando exatamente a mesma coisa que eu achava. Aliás, menos hoje em dia o profissional precisa da faculdade de jornalismo. Embora, hoje, também o jornalista faça de tudo. Quer dizer, o cara que passa pela faculdade de jornalismo, ganha um diploma que oferece a ele a possibilidade de exercer uma multidão de profissões. Então, é um aspecto um pouco contraditório: ao mesmo tempo em que as escolas de jornalismo, já que elas se tornaram à parte da formação do jornalista, que elas deveriam se preocupar em dar uma visão de como o mundo funciona para quem vai ser jornalista, por outro lado ela oferece um diploma, que é um passaporte para uma multidão de profissões. Hoje, as profissões ligadas à

comunicação são muitas... São muitas as variações da profissão. O jornalista era alguém que trabalhava num jornal, ou em televisão, etc... Hoje, o jornalista é qualquer coisa: tem jornalista que é assessor especial do (Antônio) Palocci. E não é assessor de imprensa, absolutamente: assessor especial do Palocci. E por que ele está lá? Porque ele era jornalista de Economia. Então, tem uma espécie de uma diluição do contorno da profissão, tanto por causa da multidão de coisas que se abre em frente ao jornalista, quanto também porque o mundo é assim agora, né... Os limites são menores, mas difusos.

Hoje, diferentemente de no passado, assim como todos os outros cursos da universidade, o de jornalismo deveria ser repensado. Mas, a respeito de tudo isso que eu estou falando, eu quero dizer que eu estou agora muito afastada. Faz muito tempo desde a última vez que eu tive contado com escola de jornalismo. Eu parei de dar aula em 2000. Mas eu noto que a importância simbólica que o nome “jornalista” tem acabou conferindo a nós a possibilidade de exercer muitas funções diferentes. Às vezes eu digo: jornalista serve hoje em dia para tudo.

Também há uma desespecificação da função do jornalista, que foi dada pela televisão, que mistura um pouco. Porque é assim: o Ratinho entrevista; a Adriane Galisteu entrevista. Entrevistar já foi uma função própria do jornalista. Hoje, absolutamente, não é.

Nos telejornais, tem uma porção de personagens que não necessariamente são repórteres. Existe uma desespecificação por esse lado, interna à profissão. E há aquela desespecificação externa, que nós já falamos, que se refere ao fato de que as pessoas acham que o jornalista pode ser um monte de coisas.

C: E isso é ruim?

M: Não, não é ruim... É mais campo de trabalho e a flexibilidade profissional, embora seja vista com muito receio pelas profissões estabelecidas, é uma grande liberdade. Traz para as pessoas que conseguem suportar a

precariedade que vem junto com a flexibilidade uma grande liberdade. É maior o leque de possibilidades... Você tem mais alternativas, embora você possa não ter um emprego, com vínculo empregatício e tal. Então... Quantos dos jornalistas formados estão trabalhando estritamente em profissão jornalística? Quantos são editores, repórteres em jornais, ou telejornais, ou radiojornais? São poucos... A maior parte está fazendo outras coisas, trabalhando em divulgação, assessoria, marketing, internet... Até porque as redações diminuíram muito.

Existem, então, vários aspectos: um interior, dos jornais e telejornais que trazem profissionais para fazer trabalhos que antes eram específicos de jornalistas; tem o ponto de vista de quem assiste, principalmente à televisão, e vê que muitas funções que eram próprias do jornalista deixaram de ser; e tem essa mudança mais estrutural, do mercado de trabalho, que também é resultado da crescente ampliação do espaço e da importância da comunicação na sociedade contemporânea.

C: Você acha que o fato desses não-jornalistas estarem entrevistando na televisão desmerece os jornalistas?

M: Não... Não acho bom nem ruim, só acho que faz confusão para o telespectador. Faz esse efeito de borrar o limite de o que é função de jornalista. Outro dia, eu fui jurada do prêmio José Reis, que é um prêmio para jornalismo Científico que o CNPQ dá, e teve essa discussão lá: quem é jornalista? Na minha opinião, o Arnaldo Jabor é jornalista. Na opinião da Associação dos Jornalistas Científicos, não é. Tem uma desespecificação, acho que é isso...

C: Será também pelo trabalho de equipe que existe na televisão, em que nem sempre quem aparece ou fala é o responsável pelo que se diz?

M: É, televisão é televisão... Na televisão, o critério ficção ou realidade não serve para separar nada. São outros critérios. O telejornal é, antes de qualquer coisa, um programa de televisão. A narrativa que se dá ali é uma narrativa ficcional. É difícil separar do *Jornal Nacional* do que vem antes e do que vem depois ou do que vem no meio. Qual é o negócio da televisão? O negócio da televisão é vender espaço publicitário... O que vai entre os anúncios não é o negócio da televisão e a gente tem ilusão a esse respeito. O negócio da televisão não é fazer novela, fazer jornal, programa jornalístico, *Globo Repórter*, programa de entrevista, não! Isso tudo é pretexto para o negócio. E qual é o negócio? Vender. Então, o critério “o que é verdade e o que não é verdade” não é um critério bom para a programação da televisão.

Acho que tem havido uma ampliação do espaço que a televisão ocupa na vida das pessoas, então ela acaba virando paradigma. E, aí, para as pessoas que assistem, o que é ser jornalista de televisão? Ser jornalista de televisão é ser celebridade. Então, qual a diferença entra, por exemplo, a Ana Paula Padrão e a Adriane Galisteu? Me diga? O que o telespectador vê? No máximo, que uma deles está num ambiente que é supostamente jornalístico, com uma bancada e tal, mas isso é uma falácia. A outra está em outro ambiente onde o compromisso com a verdade talvez seja menor, mas eu não sei não... Da mesma forma, o tratamento que é dado pela imprensa a essas pessoas é um tratamento de celebridade. Não há a menor diferença entre ser a Fátima Bernardes e ser a Luciana Gimenez. É tratado pela revista *Caras* exatamente da mesma maneira. Então, é preciso ter um outro olhar sobre esse tal de jornalismo de televisão.

C: Mas ainda há espaço para o comprometimento social no jornalismo de televisão? Em 1997, você fez trabalhos como a reportagem “Meninas Heróis”, sobre meninas de rua da Praça da Sé. Hoje, sei que você está trabalhando na TV Cultura numa série sobre favelas em São Paulo...

M: Mas essa proposta não é minha... Ela veio de fora... Não fomos nós aqui do jornalismo que inventamos isso.

C: Não?

M: Não... A história é assim: existe um negócio em São Paulo chamado Centro de Estudos da Metrópole, que reúne pesquisadores da USP, da Unicamp, e tem a Fundação Seade envolvida, que é um órgão do governo do Estado. Aí, a presidente da Fundação Seade falou com o presidente da Fundação Padre Anchieta (Cultura) e aí eles mandaram fazer. A série se chama "Dossiê Periferia". Nós jornalistas não tivemos nada com isso. Então, veja, as coisas não são como a gente pensa.

C: **Você consegue extrair prazer e sentimento de papel social cumprindo numa situação assim?**

M: Eu não tenho mais nenhuma ilusão em relação ao jornalismo de televisão. A minha ligação está muito tênue... Estou muito longe do jornalismo de televisão. Eu estou aqui, mas espero não estar mais em breve.

C: **Aquele desejo de transformação social pelo jornalismo, lá do início da sua carreira, você acha que não é na TV que você vai conseguir realizar?**

M: Não... Aquilo, naquela época, era muito datado. Tinha muito a ver com a ditadura e o fim da ditadura. Naquele momento, o jornalismo brasileiro tinha jornalistas, tinha um papel de desvendamento e tal... Mas isso se perdeu completamente. Hoje, as pessoas acham que o jornalismo que a TV Globo faz é bom. Os jornalistas acham que o *Jornal Nacional* faz bom jornalismo. Então, mudou muito. Há 15 anos, 20 anos, os jornalistas olhavam o jornalismo da TV Globo com

mais crítica. Hoje, não tem isso. E eu acho que deveria ter desconfiança antes e hoje... Eu que conheço o jornalismo da TV Globo há 25 anos acho que continua tão ruim como sempre. A questão então é por que é ruim? Qual é o critério de bom e ruim? Os jornalistas não discutem mais coisas desse tipo. Antigamente, a TV Globo era um padrão do ponto de vista técnico. Hoje, o jornalismo da TV Globo é um paradigma ético... É espantoso.

Eu não sou mais uma boa pessoa para falar dessas coisas porque eu me interesse pouco hoje em dia, sabe... Uma parte disso que eu estou te falando é para duvidar, porque eu não tenho paciência para assistir ao Jornal Nacional há muitos anos... Eu assisto eventualmente. Por exemplo, a cobertura deles da prisão do Maluf eu vi. E, o que eu vi ali, achei profundamente lamentável: o repórter da TV Globo (César Tralli) estava vestido com o coletinho da Polícia Federal. Nas eleições de 2002, em que a TV Globo apoiou francamente o Lula, aquilo foi vendido e comprado como jornalismo dito isento, a cobertura foi dita equilibrada, ética, de boa qualidade.

C: Você se considera jornalista de TV?

M: Eu hoje não me acho jornalista.

C: O que mudou?

M: Eu fui me afastando do jornalismo... Acho que não me interessa mais. O que eu penso que é o jornalismo não é o pensamento dominante entre os profissionais do jornalismo. A corrente de concepção do jornalismo que eu poderia representar foi perdedora.

C: Que tipo de corrente é essa?

M: É uma outra tradição, uma tradição de um jornalismo mais vivo, que respeite mais as pessoas, que está interessado nas causas populares, que está interessado no novo. O jornalismo hoje não quer saber do novo. Os jornalistas não querem saber do novo. Os jornalistas querem dar a mesma notícia todos juntos. Uma fração absolutamente majoritária das notícias é a mesma em todos os lugares. Se você quiser dar antes, os seus chefes dirão: melhor a gente não dar antes porque vai cair no vazio. Então, os jornalistas não estão mais atrás do novo. Os jornalistas estão cada vez mais, e aí notadamente na televisão, interessados em reiterar o mesmo, reiterar o senso comum da sociedade.

C: Você sente que a sua trajetória mudou de foco ou o que acontece é que você não se identifica mais com o jornalismo?

M: Bem, minha vida mudou muito. Hoje, quando eu digo que estou longe do jornalismo é porque minha vida é outra vida. Quando eu saí do *SBT Repórter*, no final de 1997, eu decidi que iria parar de ser escrava, foi a última vez ali em que fui escrava.

C: De lá para cá, como você se organizou?

M: De lá pra cá, eu fiz assim: eu ganhava bem no SBT e, num certo dia, eu resolvi que quando acabasse o contrato eu ia embora. Eu tinha dinheiro para fazer isso e fiz...

C: Era a primeira vez que você fazia isso na vida?

M: Sim... Eu saí do SBT, por vontade própria, para o nada, sem saber para onde iria. Naquele momento, achava que continuaria sendo jornalista. Hoje, estou

na rota de saída, vou deixar de ser jornalista num prazo específico. Tenho 51 anos... Quando tiver 60 eu pretendo ser outra coisa.

C: Mas vamos retomar a trajetória: em 1997 você saiu do SBT. Veio direto para a Cultura?

M: Não... Em 1997, terminou o contrato lá em novembro. Aí, fiquei 7 meses começando a reestruturar a carreira. Porque eu nunca quis ser de televisão; sempre quis ser de impresso, mas foi diferente. Então, quando saí em 1997 do SBT, minha idéia era ser uma jornalista independente, no sentido de não ter um único patrão, num “vôo solo”. Também decidi que não iria ser mais chefe de ninguém, porque foi muito desgastante a chefia no *SBT Repórter*. É muito chato ser chefe. Quando comecei a me estruturar para fazer mais jornalismo impresso que qualquer outra coisa, o Marco Antônio, aqui da cultura, me convidou para fazer o *Opinião Nacional* que foi uma coisa muito gostosa, gostei demais de fazer aquilo. Aliás, se fosse para fazer alguma coisa em televisão hoje, eu toparia, talvez, fazer aquilo. Então... Aqui na Cultura eu fiz duas coisas muito legais ao longo desses muitos anos. Uma foi o *Opinião Nacional* – um ano e meio com o Heródoto, o Sardenberg, Celso Ming. Eu nunca foi tão amada na televisão quanto eu fui nessa posição ali como entrevistadora. As pessoas gostavam demais de mim. E fiz também a série “Genoma”, que é o meu trabalho da maturidade, sabe, como alguém que tem uma concepção de documentário.

C: Você se sentia repórter nessa época do “Genoma”?

M: Não... Ali, eu era uma realizadora: alguém que teve uma idéia e que fez uma concepção que eu acho inovadora. E a TV Cultura me deu as condições para fazer aquilo: tive 8 meses para fazer 2 horas e meia de programa. Isso foi por volta do ano 2000 e, de lá para cá, eu estou de saída. Eu gostaria de fazer grandes

reportagens para a televisão, mas, para isso, eu gostaria também de uma qualidade, um conforto de produção que não existe mais. E, para fazer sem conforto, não quero. Não quero mais andar em carro de reportagem... Satura, sabe... Eu fico vendo aqueles repórteres do *Jornal Nacional* que estão lá desde quando eu estava lá e não me conformo... O cara faz a mesma entrevista, no mesmo lugar. Eu não entendo... Mas eles devem ter lá as vantagens deles e não devem dar a mínima importância para o trabalho, porque não tem nenhum desafio... É sempre a mesma matéria. E não precisava ser: a festa do Padre Cícero no Nordeste, por exemplo, muda de um ano para outro, cada vez que você vai lá é uma coisa diferente, mas os jornalistas fazem questão de destacar sempre as mesmas coisas, do mesmo jeito... E tem outra coisa, sabe... Eu não tenho mais amor pela notícia. Tem jornalista que tem muito amor pela notícia.

C: Mas você já teve amor pela notícia?

M: Ah, já tive... Eu continuo tendo dos jornalistas a concepção que não existe mais do gosto pelo novo, por descobrir. Isso aí eu acho bárbaro...

C: Será que isso tem a ver com o seu início, lá atrás, na Faculdade de Física?

M: Acho que sim... Na verdade, na minha vida, o jornalismo foi uma contingência para dar lugar a essa vontade de descobrir. Então, hoje, a minha atividade principal como jornalista é a publicação em relação à Unicamp, que é uma publicação de muito boa qualidade, muito interessante e tal, mas que tem uma repercussão limitada, por várias razões, inclusive porque eu não quero que ela tenha muita repercussão.

C: Ela é jornalística?

M: É sim, é jornalismo. Ela tem coisas que não são notícia, mas tem muita notícia. E, ali, a gente faz notícia profissionalmente: a gente quer dar antes, saber antes, descobrir. Causa problemas, porque as fontes estão acostumadas a um jornalismo cortês, né? É esse negócio em que todos os jornalistas concordam: o filme vai entrar em cartaz amanhã, então, hoje, só hoje, todo mundo dá a matéria. Isso é uma traição ao leitor, no meu entender. O leitor tem o direito de saber sobre o filme não só na hora em que o filme estréia. Você também faz quando o filme estréia, mas por que não fazer antes? Aí, os responsáveis pelo marketing do filme impõem isso aos jornalistas e os jornalistas concordam. E as fontes passam a achar que isso é jornalismo. Fora da Política, onde tem um vigor na atividade de dar a notícia antes, eu acho, todo mundo quer dar junto, e aí faz uma aliança não com o leitor, não com o telespectador, uma aliança de outro tipo. Isso não é ser jornalista.

A minha concepção é muito diferente mesmo e, na verdade, eu fui ficando sozinha. Não tem ninguém daquela tradição onde eu formei minha concepção de jornalismo atuando no jornalismo propriamente dito.

É um dipolo: eu estou saindo, mas não deixa de ser verdade que eu estou sendo empurrada para fora.

C: Mesmo assim, você pretende continuar investindo nessa publicação da Unicamp na internet?

M: Sim... Ela é limitada, porque somos 3 jornalistas, um web-designer, fazendo uma publicação quinzenal com muito texto, um pouco na contramão do que se veicula na internet. Mas ela vai muito bem...

C: Você teve, no início, ou em algum momento da sua carreira no jornalismo, algum profissional que você considerasse um modelo a ser seguido?

M: Olha, se eu tive, esqueci... Não lembro. Tem um cara na televisão americana, que faz um programa chamado *News Hour with Jimm Lerry*. Esse cara é um jornalista muito interessante. Ele é um cara muito sério e tem uma grande credibilidade nos Estados Unidos. Sempre foi da BBS, que é a televisão pública. E uma vez eu estava nos Estados Unidos e o vi numa entrevista, porque ele tinha recebido um prêmio. E ele disse: eu peço desculpas aos telespectadores por ter muitas vezes os entediado com assuntos que são chatos, mas a minha função é, eventualmente, entediar as pessoas com assuntos que são importantes mas não são fáceis.

Então, essa é uma questão... Hoje, o jornalismo de televisão, o jornalismo de maneira geral, só trata do fácil, embora existam muitos importantes e que não são fáceis... Que deveriam ser tratados, mas não são, nem pelo jornalismo impresso, nem por nenhum jornalismo. Para você ter uma idéia, eu observo que leva um período de 5 a 10 anos para que um resultado do mundo científico, acadêmico, seja incorporado e apareça como “novidade” nos jornais e na televisão. São anos... É um negócio impressionante. Quando vira notícia, o resultado já está estabelecido há muito tempo, já não tem absolutamente nada mais de novo.

Eu não falo isso com desânimo, com desalento... Acho só que tomou outra feição.. É um modo de produção, um lugar de produção dentro da sociedade contemporânea que tem essas características que a gente está descrevendo aqui e não outras. Então ótimo, tudo bem, vão fazendo isso aí, mas eu, Mônica Teixeira, não... (risos...).

Mas, de qualquer forma, acho que o destino da notícia é ser publicada, apesar do jornalista...(mais risos...). O meu marido, que já morreu faz 13 anos, antes de morrer já tinha criado a figura do “pau de matar notícias”, que ficava atrás da porta da redação da TV Globo. Se a notícia conseguisse subir a escada, chegar até a sala e bater na porta, o jornalista pegava o pau de matar notícias e acabava com ela! (Gargalhadas...)

C: E na sua vida pessoal? Mudou o que na sua vida em todo esse tempo?

M: Então, o que aconteceu na minha vida nesses anos, que são os anos desde a morte do meu marido, ou mesmo um pouco antes, até hoje, é que eu fiz uma análise pessoal muito longa, muito proveitosa, muito transformadora e à qual eu me dediquei muito. Então, a pessoa que eu era, quando eu era aquela jornalista que está na cabeça das pessoas... Não é que eu não seja mais aquela pessoa, mas eu sou bastante outra pessoa. Então, não se trata de um desalento, um desânimo. É que mudou... Eu mudei. Eu, hoje, já sou psicanalista. No ano que vem, vou abrir um consultório. E, aí, eu pretendo, à medida que eu for ficando velhinha, ser só psicanalista.

C: E sobre ter família? Na época da nossa última conversa você disse que as pessoas sempre tentavam “enfiar umas famílias em você”, mas que você resistia... Você continua com essa opinião?

M: É, isso eu não acho que seja uma qualidade minha, mas eu tenho uma espécie de um hábito de ser só. Mas sou muito namoradeira, só não tenho família.

C: E a sua mãe?

M: Minha mãe continua viva, está muito bem...

C: Como era mesmo o nome da sua mãe?

M: Clotilde. Eu tenho uma meia-irmã, filha do meu pai... Duas, na verdade. Tenho duas sobrinhas...

C: Moram por perto ou não?

M: Moram... Mas eu moro sozinha. Tenho uma relação estável com um cara... E é isso... Vamos dizer assim: a vida na redação é uma vida que já não me atrai, entendeu. Os caras entram aqui às 11 horas da manhã e saem às 9 horas da noite. Eles só falam entre eles, sobre coisas que interessam a eles, que são as notícias e como o assunto vão entrar ou não vai entrar... O mundo do jornalista é muito pobre, porque interage muito pouco com o resto da sociedade, é muito mediatizado. E eu acho que a vida é mais rica do que a vida que aparece na televisão, ou nos jornais. Então, essa é a minha divergência: o jornalismo que é feito hoje é um jornalismo morto... E eu não sou da morte, sou da vida.

C: E você acha que já foi diferente?

M: Ah, eu acho que já foi... Já foi menos estandardizado. A estandardização mata, porque quer conformar o imprevisto do mundo segundo roteiros pré-traçados... Regras, crenças sobre como uma matéria é ou deixa de ser. E despreza-se o leitor, mais ainda o telespectador, que o jornalista acha que é um idiota. Aqui, um dia eu estava editando uma matéria com uma editora para o *Jornal da Cultura* e eu queria usar a palavra "incursão". E ela não deixou! Eu discuti porque se a pessoa acha que o telespectador não pode escutar a palavra "incursão" não quer que o cara aprenda nada... Porque digamos que ele não soubesse o que é a palavra "incursão", digamos que ele não entendesse o conceito, ele poderia ter o impulso de abrir o dicionário. Porque, senão, o vocabulário vai ter que se resumir a cem palavras? Com cem palavras você estandardiza o mundo, porque nós precisamos das palavras para descrever o mundo com a riqueza que o mundo tem.

C: No início da carreira você sentiu que conseguia descrever as coisas com mais detalhe?

M: Ah, sim... A impressão que eu tenho hoje é que eu tive liberdade de trabalho.

Carolina, agora eu preciso parar.